

SALA DE AULA NO ESPAÇO CASA: NARRATIVAS DE PAIS/RESPONSÁVEIS SOBRE O ENSINO REMOTO

Letícia Vitória Alves de Souza¹
Minervina Joseli Espíndola Reis²
Darkiane Santos³

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa de caráter narrativo tem como objetivo analisar as experiências de pais e responsáveis por estudantes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, durante o período de isolamento social (2020-2021), quando a casa se tornou o único espaço de aprendizagem. Utilizando a entrevista narrativa e a Análise de Discurso como fundamentação teórico-metodológica, o estudo busca identificar os sentidos atribuídos pelas famílias à sua participação no processo de ensino remoto mediado por tecnologias digitais. A investigação focaliza os impactos na aprendizagem, as estratégias adotadas e as relações estabelecidas entre família e escola, visando produzir subsídios para a avaliação das práticas educacionais em contextos de crise

Palavras-chave: Ensino Remoto (ER), Educação, Família e Escola.

¹ Graduando do Curso de **Letras, Língua Portuguesa e Literaturas** da Universidade Estadual do Estado da Bahia - UNEB, leticiaalvesuneb@email.com;

² Professora pelo Curso de **Pedagogia** da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, mjreis@uneb.br

³ Estudante do Curso de **Pedagogia** da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, darkianesantos02@gmail.com;



Introdução

Em 2020, a pandemia da COVID-19, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), impôs novos modos e meios de relações sociais. O mundo foi obrigado a desacelerar e a vivenciar um período de reclusão. O cotidiano das pessoas e das instituições, em todos os países, sofreu profundas transformações, exigindo da sociedade uma reinvenção para se adaptar a uma nova realidade: o isolamento social. No campo educacional, pais e responsáveis enfrentaram inúmeros desafios para manter a aprendizagem de seus filhos, durante o ano letivo. Diante da impossibilidade das aulas presenciais, recorreram a alternativas digitais e ao ensino remoto, a fim de garantir a continuidade das atividades pedagógicas.

O objetivo deste relatório é apresentar os resultados da pesquisa intitulada SALA DE AULA NO ESPAÇO CASA: narrativas de pais/responsáveis por estudantes da Educação Infantil e 1º e 2º ano Ensino Fundamental I sobre a educação escolar durante o isolamento social devido a pandemia de COVID 19, que tem como objetivo geral analisar narrativas de pais/responsáveis por estudantes da Educação Infantil e do 1º e 2º ano Ensino Fundamental I sobre a experiência vivida durante o isolamento social nos anos de 2020 e 2021, quando o espaço da casa se tornou o único local de estudo de seu/sua filho/a, sendo a relação com os/as professores/as apenas por meio de tecnologias digitais, a fim de identificar os sentidos atribuídos a sua participação, ou não, nesse processo de ensino.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativa, de caráter investigativo, na modalidade narrativa, cuja premissa é compreender as experiências dos participantes em relação ao fenômeno investigado. Para a coleta das informações, foi aplicado um questionário elaborado no Google Forms, o que possibilitou reunir de forma sistematizada os relatos e percepções dos participantes.

Além disso, foram realizadas entrevistas narrativas com três responsáveis por estudantes da Educação Infantil e dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, com o objetivo de ampliar e aprofundar a investigação. Para a análise e interpretação dos relatos, adotamos os pressupostos da Análise de Discurso (AD), com o intuito de compreender os sentidos produzidos nas falas dos participantes a partir das condições



sociais e históricas nas quais estão inseridos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizados diversos estudos teóricos sobre a temática. Primeiramente, fizemos a seleção dos artigos acadêmicos que tratam sobre desigualdade social e ensino remoto. Entre os principais estudos utilizados estão Freitas (2023), Darcoleta e Ribeiro (2024) e Costa, Rocha e Santos (2020). Além disso, para aprofundar os estudos em Análise de Discurso, Orlandi (2007).

A pesquisa possui relevância social e educacional, pois, a partir da análise dos resultados, é possível ampliar as discussões e propor novos estudos que favoreçam uma compreensão mais aprofundada e criteriosa dos processos de ensino e aprendizagem de estudantes da Educação Básica da rede municipal durante a pandemia de COVID-19, bem como das experiências vivenciadas por pais e responsáveis no contexto do ensino remoto. Nesse sentido, o estudo realizado pode contribuir significativamente para a avaliação dos impactos do isolamento social na educação escolar básica e para a compreensão de como as desigualdades sociais e econômicas se constituíram como fatores determinantes no processo de aprendizagem durante o período pandêmico, especialmente no ano de 2020 e primeiro semestre de 2021.

Métodos

A escolha pela pesquisa qualitativa se fundamenta em sua capacidade intrínseca de apreender a complexidade dos fenômenos sociais em sua plenitude, particularmente quando se trata de investigar experiências educacionais marcadas por circunstâncias excepcionais, como as vividas durante a pandemia. Esta abordagem metodológica se mostra especialmente adequada por permitir mergulhar nas subjetividades e significados que as famílias dos estudantes atribuíram ao ensino remoto emergencial, indo além dos meros dados quantitativos para captar as contradições desse processo.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar narrativas de pais/responsáveis por estudantes da Educação Infantil e do 1º e 2º ano Ensino Fundamental I sobre a experiência vivida durante o isolamento social nos anos de 2020 e 2021, quando o espaço da casa se tornou o único local de estudo de seu filho, sendo a relação com os professores apenas por meio de tecnologias digitais, a fim de identificar os sentidos atribuídos a sua participação, ou não, nesse processo de ensino. Já os objetivos específicos desta pesquisa, incluem identificar e analisar os significados e sentidos atribuídos pelos pais/responsáveis



a experiência de ter o espaço da casa como o único local de estudo de seu/sua filho/a; e identificar nas narrativas dos pais/responsáveis os impactos percebidos por eles na aprendizagem das crianças, durante o período em que a educação escolar foi ministrada de modo remoto e no espaço da casa.

Foram entrevistados três responsáveis por alunos da rede municipal de Teixeira de Freitas, que, durante a pandemia do COVID 19, seus filhos estavam na Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Os entrevistados serão identificados por pseudônimos de árvores, a fim de preservar suas identidades. A opção por identificar os entrevistados com nomes de árvores está associada a uma metáfora de força, resistência e enraizamento, características que dialogam com a experiência vivida pelas famílias e professores durante o período de ensino remoto. Assim como as árvores, que precisam se adaptar às condições adversas do ambiente para se manterem firmes e continuar seu ciclo de vida, os participantes também precisaram encontrar estratégias de resiliência diante dos desafios impostos pela pandemia de COVID-19.

Além das entrevistas, foi utilizado um formulário digital, contendo perguntas fechadas, elaborado e disponibilizado por meio da plataforma Google Forms, com o objetivo de ampliar a escuta e obter dados adicionais sobre as percepções das famílias. Ao todo, 52 pessoas responderam à pesquisa por meio do formulário, contribuindo com informações relevantes para a análise do fenômeno investigado.

O agendamento das entrevistas foi cuidadosamente organizado com antecedência. As sessões com Acácia, Jatobá e Ipê ocorreram em dias distintos, sendo duas entrevistas realizadas em uma sala no Departamento de Educação, *Campus X* da UNEB e a última entrevista foi realizada na casa do responsável, devido ao seu horário de trabalho. As entrevistas foram realizadas durante 2024 e 2025, especificamente entre novembro e maio, na cidade de Teixeira de Freitas.

Para assegurar a participação voluntária e informada, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas após autorização do/da participante. As narrativas coletadas foram transcritas e organizadas em tabelas, permitindo a categorização, subcategorização e a análise das experiências similares compartilhadas pelos docentes.

Após a realização das entrevistas, os áudios foram cuidadosamente transcritos manualmente, para assim, preservar a fidelidade das falas dos entrevistados. Esse



processo foi crucial para manter a integridade das informações coletadas e possibilitar uma análise detalhada e precisa. Com as transcrições em mãos, várias leituras das narrativas foram realizadas com o objetivo de organizar os dados e identificar aproximações entre as experiências relatadas e as respostas obtidas no questionário. Esse procedimento permitiu a construção de categorias e subcategorias de análise, que emergiram de maneira natural a partir das falas dos participantes. As principais categorias identificadas foram: mediação pedagógica, desigualdade social e saúde emocional.

ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DOS ESCRITOS/FALAS E DAS RESPOSTAS OBTIDAS ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO

A primeira pessoa entrevistada, identificada pelo pseudônimo Acácia, é mãe solo de uma menina. Durante o período da pandemia, residia com a filha, a mãe e a irmã, em uma mesma casa. Na pandemia ela estava desempregada, mas atualmente, trabalha como garçonne em um restaurante e cursa a graduação em Pedagogia. Em seu relato, destacou que, em 2020, sua filha estava matriculada no Jardim I e participou exclusivamente das atividades em formato remoto. Já em agosto de 2021, quando ingressou no Jardim II, a criança retornou às aulas presenciais.

A segunda participante, identificada pelo pseudônimo Jatobá, também é mãe solo, responsável por duas meninas. Durante a pandemia, morava com as filhas e sua mãe. Atualmente, é graduanda em Pedagogia. Em seu relato, destacou que não enfrentou grandes dificuldades no acompanhamento das atividades da filha mais nova, uma vez que sua residência já contava com um espaço estruturado para os estudos. Antes mesmo da pandemia, ministrava aulas de reforço escolar para outras crianças em casa, o que facilitou o manejo do ensino doméstico. No entanto, enfrentou desafios financeiros, pois ficou sem renda fixa devido à interrupção de seu trabalho como professora de reforço escolar.

O terceiro participante, identificado pelo pseudônimo Ipê, era pai solo de um menino durante a pandemia da COVID-19. Atualmente, é casado e, além do filho mais velho, tem outras duas filhas. Trabalha como caminhoneiro há sete anos na mesma empresa, realizando o transporte de água mineral. Em seu relato, destacou que, quando não havia com quem deixar o filho, levava-o consigo para a cabine do caminhão durante as horas de trabalho. Naquele período, o menino tinha 6 anos e estava matriculado no Jardim I. Ipê compartilhou sua vivência do ensino remoto sob a perspectiva paterna,

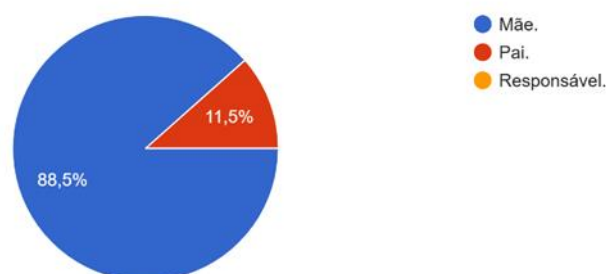


trazendo reflexões significativas sobre os desafios enfrentados no cotidiano familiar. Outro fato interessante em sua trajetória é que, mesmo sem ter concluído o ensino fundamental, ele aprendeu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) de forma autodidata, utilizando a internet, com o objetivo de se comunicar e flertar com sua atual esposa.

O gráfico a seguir mostra o grau de parentesco das pessoas que responderam ao questionário em relação ao estudante.

Pergunta 1: Você é?

Você é?
52 respostas



Com base nas respostas, a participação no apoio aos estudos durante o ensino remoto foi majoritariamente exercida pelas mães. Os dados mostram que, em 88,5% dos casos, a figura de suporte principal era a mãe, enquanto apenas 11,5% dos pais assumiram esse papel de forma primária. Essa disparidade evidencia uma significativa desigualdade de gênero no que diz respeito à divisão de responsabilidades educacionais dentro do ambiente doméstico.

Sobre a faixa etária dos participantes, a maior parte dos responsáveis que relataram as experiências durante o ensino remoto estava na meia-idade. Os dados mostram que 38,5% dos entrevistados tinham entre 40 a 50 anos, representando o grupo mais numeroso. Em seguida, 36,5% estavam na faixa de 30 a 40 anos, enquanto 17,3% tinham entre 20 a 30 anos. Uma minoria de 7,7% era composta por pessoas com mais de 50 anos. Essa distribuição etária indica que a maioria das crianças era acompanhada por pais e mães em uma fase economicamente ativa, o que pode influenciar na disponibilidade de recursos e suporte. No entanto, a pressão para conciliar trabalho, tarefas domésticas e o auxílio nas atividades escolares pode ter sido um fator significativo de estresse, principalmente para os grupos entre 30 e 50 anos, que constituíram juntos 75% dos respondentes.



Das 52 pessoas que responderam o questionário, 61,5% informaram que seu filho estudava em escola pública, enquanto 38,5% estavam matriculados em escola particular. Esses dados indicam que a maior parte dos participantes tinha filhos na rede pública, o que pode ter implicações no acesso a recursos tecnológicos, estrutura para ensino remoto e suporte pedagógico durante o período da pandemia.

Sobre o ano em que os filhos dos entrevistados estudavam no período do ensino remoto, 38,5% na Educação Infantil, 32,7% no 1º ou 2º ano do Ensino Fundamental I, e 28,8% no Ensino Fundamental II. Esses dados mostram que a maioria dos filhos dos participantes estava nos primeiros anos da escolarização, o que pode ter influenciado o acompanhamento familiar das atividades remotas, dada a necessidade de maior supervisão e apoio pedagógico nesse período.

A seguir serão apresentadas as categorias de análises, sendo primeiro apresentados os resultados e as análises das respostas obtidas por meio do questionário aplicado na plataforma Google Forms. Esse instrumento possibilitou alcançar um número expressivo de participantes, o que possibilitou ampliar o escopo da investigação e a coleta de informações diversificadas acerca das experiências das famílias no contexto do ensino remoto. A sistematização das respostas obtidas possibilitou identificar tendências, percepções recorrentes e desafios comuns, que, ao serem analisados, oferecem subsídios relevantes para compreender de maneira mais abrangente as condições enfrentadas durante a pandemia. Em seguida, serão apresentadas as análises das entrevistas feitas com pais e responsáveis.

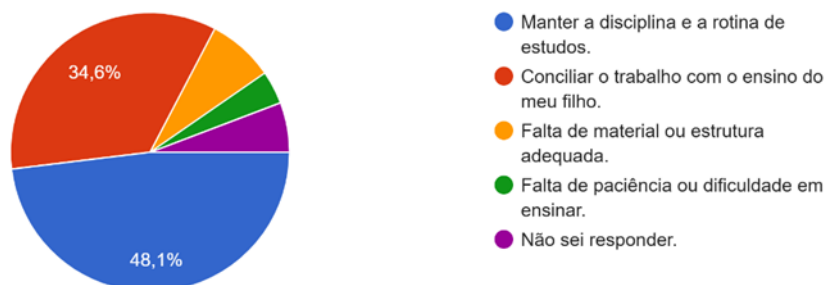
Categoria 1: Mediação pedagógica - diz respeito às estratégias de ensino adotadas durante o período de ensino remoto emergencial, ao modo como as famílias acompanharam o processo de aprendizagem dos filhos e aos desafios enfrentados no ambiente doméstico diante da ausência da mediação presencial docente.

Pergunta 6: Quais foram os principais desafios enfrentados durante o ensino do seu/sua filho/a durante a pandemia?



Quais foram os principais desafios enfrentados durante o ensino do seu/sua filho/a durante a pandemia?

52 respostas



Dos 52 participantes, 14 pais de alunos da escola pública, enquanto 6 da particular, indicaram que o maior desafio foi manter a disciplina e a rotina de estudos do filho. Dez pais do ensino público relataram dificuldades em conciliar o trabalho com o acompanhamento escolar, apenas 8 do particular relataram problemas. Apenas 4 responsáveis do ensino público e 2 da particular, apontaram a falta de material ou estrutura adequada como obstáculo, e 3 do ensino público e 4 do particular mencionaram a falta de paciência ou dificuldade em ensinar. Além disso, 2 pessoas do ensino público e 1 do particular não souberam responder.

Esses resultados evidenciam que o maior desafio para as famílias, durante o período do ensino remoto, foi em relação à organização do tempo e à gestão da rotina de estudos, o que reforça a importância de apoio pedagógico e estratégias de mediação familiar durante o ensino remoto.

Pergunta 10: Como você lidou com as dificuldades nos conteúdos trabalhados nas disciplinas?



Como você lidou com as dificuldades nos conteúdos trabalhados nas disciplinas?

52 respostas



Dos 52 participantes, 20 (28,8 %) relataram que pesquisaram conteúdos extras para auxiliar o filho, sendo 11 da escola pública e 9 da particular, enquanto 13 (26,9%) informaram não ter enfrentado dificuldades nesse aspecto (6 da pública e 7 da particular). Uma parcela de 8 (15,4%) participantes buscou ajuda de professores ou tutores (5 da pública e 3 da particular), e 5 (13,5%) dividiram o ensino com outros membros da família (4 da pública e 1 da particular). Além disso, 26,9% relataram ter tido dificuldades e não conseguir lidar bem com os conteúdos (todos da escola pública), e 3 não souberam responder (todos da escola pública).

Estes resultados indicam que a maioria dos responsáveis buscou estratégias próprias para contornar desafios pedagógicos, com destaque para a pesquisa de conteúdos extras como principal recurso. Nota-se que os pais de escola pública enfrentaram mais dificuldades, sendo os únicos que relataram não conseguir lidar com os conteúdos, evidenciando a necessidade de maior suporte e orientação por parte das escolas durante o ensino remoto, especialmente para famílias da rede pública.

Pergunta 11: Você teve dificuldades para usar as ferramentas tecnológicas no ensino remoto?



Você teve dificuldades para usar as ferramentas tecnológicas no ensino remoto?

52 respostas



Dos 52 participantes, 13 pais de alunos da escola particular e 9 da pública relataram não ter tido nenhuma dificuldade no uso das ferramentas tecnológicas. 10 responsáveis da escola pública e 6 da particular afirmaram ter tido dificuldades no início, mas aprenderam com o tempo. Ainda, 5 famílias da rede pública relataram muitas dificuldades de acesso e uso das plataformas, 2 da pública não as utilizaram de forma eficiente, e 3 da pública e 1 da particular não tiveram acesso às ferramentas.

Os resultados mostram que a maioria dos usuários adaptou-se às ferramentas, porém as famílias da escola pública enfrentaram mais barreiras de acesso e domínio tecnológico, reforçando a necessidade de suporte direcionado a esse público durante o ensino remoto. Além de demonstrar as desigualdades no acesso e domínio do uso da tecnologias

Pergunta 13: Qual foi a maior dificuldade de comunicação entre a escola e a família durante a pandemia?

Qual foi a maior dificuldade de comunicação entre a escola e a família durante a pandemia?

52 respostas



Dos 52 participantes, 15 pais de alunos da escola particular e 6 da pública relataram não ter enfrentado dificuldades de comunicação com a escola. 10 responsáveis da escola pública e 4 da particular apontaram pouca comunicação entre a equipe escolar e os pais como o principal desafio. 8 famílias da rede pública e 1 da particular mencionaram a falta de informações sobre os encaminhamentos propostos pela escola, enquanto 4 da pública relataram que as informações eram obtidas apenas pelas redes sociais. Apenas 1 participante da escola pública não soube responder.

Os resultados mostram que a comunicação foi significativamente mais eficaz para as famílias da escola particular, enquanto as da rede pública enfrentaram maiores desafios, como falta de informações e canais inadequados de comunicação, destacando a necessidade de estratégias mais inclusivas e acessíveis para o diálogo entre escola e famílias no ensino remoto.

Pergunta 15: Onde seu filho estudava durante o ensino remoto?

Onde seu filho estudava durante o ensino remoto?

52 respostas



Dos 52 participantes, 8 alunos da escola pública e 3 da particular estudavam na mesa da cozinha, enquanto 7 da particular e 5 da pública tinham um espaço próprio sem distrações. 8 crianças da pública e 5 da particular utilizavam a sala de estar, e 5 da pública e 3 da particular estudavam no quarto, mas com distrações. 3 famílias da pública e 1 da particular relataram que o estudo ocorria em qualquer lugar, sem local fixo, e 3 da pública e 1 da particular usavam a área externa.

Os dados revelam que alunos da escola pública estudaram com maior frequência em ambientes compartilhados e com distrações (cozinha, sala, quarto sem adequação), enquanto os da particular tiveram mais acesso a espaços exclusivos.



Pergunta 16: Seu filho tinha horário certo para estudar?

Seu filho tinha horário certo para estudar?

52 respostas



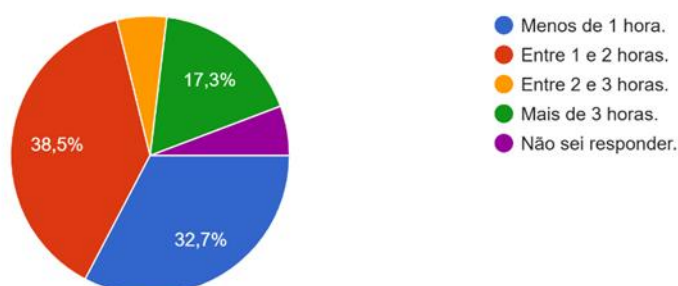
Dos 52 participantes, 12 alunos da escola pública e 10 da particular estudavam sempre no mesmo horário, enquanto 10 da pública e 6 da particular mantinham horários quase sempre regulares, com variações ocasionais. 6 crianças da pública e 2 da particular tinham rotinas irregulares, com cada dia sendo diferente, e 2 famílias de cada rede relataram que os filhos estudavam raramente ou quando era possível.

Os resultados mostram que a maioria das famílias buscou estabelecer uma rotina de estudos, com um percentual ligeiramente maior de alunos da pública seguindo horários fixos. No entanto, a irregularidade foi mais frequente entre estudantes da rede pública, refletindo possíveis desafios adicionais de organização familiar e destacando a importância do apoio escolar para a manutenção de rotinas estruturadas no ensino remoto.

Pergunta 17: Quanto tempo por dia seu filho estudava durante o isolamento?

Quanto tempo por dia seu filho estudava durante o isolamento?

52 respostas



Dos 52 participantes, 15 alunos da escola pública e 7 da particular estudavam entre 1 e 2



horas por dia, enquanto 10 da pública e 6 da particular dedicavam menos de 1 hora diária. 3 crianças da pública e 5 da particular passavam mais de 3 horas estudando, e 2 estudantes de cada rede mantinham entre 2 e 3 horas de estudo.

Os resultados mostram que a maioria das crianças estudava entre 1 e 2 horas diárias, com um percentual maior de alunos da pública nessa faixa. Entretanto, estudantes da escola particular predominaram na faixa de maior dedicação (mais de 3 horas), sugerindo diferenças na organização do tempo ou na carga de atividades entre as redes. A variação nos tempos de estudo reflete distintas realidades familiares e possíveis desigualdades no acompanhamento pedagógico durante o ensino remoto.

Pergunta 18: Como as escolas podem se preparar para futuras crises epidemiológicas?

Como as escolas podem se preparar para futuras crises epidemiológicas?

52 respostas



Dos 52 participantes, 11 responsáveis da escola pública e 8 da particular consideraram essencial treinar professores para novas formas de ensino. 7 famílias da pública e 5 da particular destacaram a necessidade de criar planos de emergência, enquanto 6 da pública e 5 da particular sugeriram equipar as escolas com ferramentas tecnológicas. 4 participantes da pública e 2 da particular apontaram a melhoria da comunicação com alunos e famílias, e 2 da pública defenderam o uso mais intenso de tecnologia para EaD. Os resultados mostram que a prioridade para ambas as redes é a capacitação docente, seguida pelo planejamento estratégico e infraestrutura tecnológica. A semelhança nas respostas entre públicos e particulares indica uma visão compartilhada sobre as necessidades essenciais para enfrentar futuros desafios educacionais em situações de crise.



As análises das entrevistas realizadas, que compõem essa categoria, evidenciam um sentimento de abandono pedagógico e falta de mediação docente no processo de ensino remoto emergencial. Como é evidenciado na fala da entrevistada Acácia, mãe de uma criança que ingressava na vida escolar justamente no início da pandemia, o processo pedagógico foi especialmente desafiador. Ela relata que:

Quando eu vinha na escola pegar as atividades, a professora não explicava nada.

Não teve esse negócio de aula gravada, nem nada disso, era só as atividades mesmo. Mãe Acácia

As falas revelam não apenas a ausência de suporte direto por parte da escola, mas também o esvaziamento da função educativa da instituição no momento em que mais se esperava sua presença adaptada e acolhedora. Além disso, ela relata que não houve suporte pedagógico da professora *“quem sempre me dava as atividades era a diretora. Eu não tive nenhum contato com as professoras.”*

A ausência de explicações presenciais ou virtuais, mencionada por Acácia, denuncia uma ruptura na comunicação entre a escola e a família, reforçando a ideia de que as atividades enviadas eram instrumentos isolados, desprovidos de orientação ou contextualização didática. O uso da expressão *“a professora não explicava nada”* carrega um tom de crítica e frustração, apontando para a fragilidade do vínculo pedagógico, já que a mediação do saber, papel fundamental do professor, foi praticamente inexistente naquela realidade.

Já para Jatobá, mesmo sendo professora de reforço escolar, ela relata que houve complexidade e a intensidade do trabalho pedagógico que foi transferido às famílias durante a pandemia. Ela expressa, com franqueza e sensibilidade a relação com uso de telas, os desafios, as estratégias criativas e o esforço emocional que marcaram a condução da aprendizagem de sua filha mais nova.

Ao afirmar que *“era muito difícil fazer ela ficar ali de frente à tela”*, Jatobá expõe um limite central do ensino remoto para a Educação Infantil: a inadequação da mediação digital para crianças pequenas, que dependem da interação concreta e da presença afetiva do professor. A tela, embora tecnologicamente viável, não substitui o corpo, o gesto e o olhar do educador. Esse estranhamento diante da tela é ampliado por dificuldades técnicas: *“acesso limitado ao recurso tecnológico”* e *“a plataforma que meu celular não comportava”*, revelando um cenário de exclusão digital, onde o simples fato de possuir



um celular não garante a efetivação do direito à educação.

Diante dessas barreiras, Jatobá revela iniciativas de reinvenção pedagógica no cotidiano doméstico:

Adquiri alguns jogos de tabuleiro.

A gente foi montando algumas coisas em casa, eu recortava e pedia pra ela escrever o nome da maneira dela... A gente lia livros de histórias infantis e depois ela contava depois para minha mãe.

Essas práticas mostram uma tentativa de manter o vínculo com o conhecimento por meio de atividades lúdicas, orais e manuais, muitas vezes mais eficazes do que o formato digital proposto pela escola.

Outro elemento importante que ela traz na entrevista, é o conflito geracional e cultural em torno do uso da tecnologia. Jatobá, mãe-solo de duas meninas, morava com sua mãe durante a pandemia. Pelo fato de as meninas precisarem utilizar o celular para fazer as atividades, a mãe de Jatobá tinha dificuldade de entender que essa ferramenta tecnológica também pode ser usada para os estudos. Ao dizer:

Porque assim, eu moro com a minha mãe, a minha mãe veio de uma outra época, então até convencê-la que o celular hoje é uma ferramenta que auxilia na educação...

“não, mãe, elas não estão na rede social, elas estão vendo a aula”.

Jatobá traz à tona o preconceito histórico contra o uso das mídias digitais na educação, e como isso afeta o reconhecimento social da legitimidade do ensino remoto. Além disso, ela também menciona que já tinha um ambiente de estudo adequado: *“já era o meu local de trabalho... já é bem adaptado”*, o que evidencia uma certa vantagem estrutural frente a outras famílias, mas que não elimina os desafios emocionais e pedagógicos enfrentados.

Ainda nessa categoria, Ipê, apesar de não ter o Ensino Médio completo, revela uma atuação ativa e comprometida durante o período de ensino remoto, com destaque para o papel fundamental das tecnologias digitais no processo de mediação da aprendizagem do filho. Ele diz que:

A principal estratégia que eu usei para manter as crianças motivadas foram sempre assistir vídeos no YouTube educativo.

Tive que procurar recursos na internet para fazer atividade do meu filho em casa.

Essas declarações evidenciam uma postura proativa em relação ao uso de ferramentas



digitais. A internet e os vídeos educativos são descritos como aliados no enfrentamento das dificuldades pedagógicas impostas pelo ensino remoto, funcionando como suporte tanto para motivar o filho quanto para complementar os conteúdos escolares. Ainda, ele reconhece uma limitação pessoal que impactou diretamente no acompanhamento das atividades escolares. Essa fala demonstra um esforço significativo de reconexão com práticas letradas, o que sinaliza a sobrecarga que muitas famílias enfrentaram, especialmente aquelas que, por diversas razões, estavam afastadas do universo escolar há anos.

Foi muito difícil pra mim... tinha muitos anos sem praticar a leitura. (Ipê)

Contudo, apesar das dificuldades com os conteúdos, ele mostrou ser uma pessoa muito preocupada com a educação de seu filho, as falas a seguir revelam um cuidado intencional com o ambiente de aprendizagem. Há uma preocupação em criar uma rotina estável e um espaço silencioso, aspectos fundamentais para a concentração e a disciplina, especialmente em tempos de ensino domiciliar. A constância do horário e a estrutura do espaço físico aparecem como fatores que contribuíram para o desenvolvimento da criança.

Eu sempre separava um local tranquilo para que ele pudesse fazer as atividades dele.

Sim, nós sempre estudávamos a tarde, por volta das 15:30. (Ipê)

Apesar das dificuldades, o responsável demonstrou forte comprometimento com a educação do filho, organizando intencionalmente o ambiente de aprendizagem. A criação de uma rotina estável com horários fixos e um espaço silencioso, foi crucial para oferecer estrutura e segurança à criança durante o ensino remoto. Essa organização consistente mostrou-se uma estratégia fundamental para compensar as instabilidades do período.

Categoria 2 - Desigualdade social refere-se às condições materiais, estruturais e de recursos disponíveis para o aprendizado durante o período de ensino remoto emergencial. Abrange aspectos como acesso à internet, disponibilidade de equipamentos tecnológicos, existência de um espaço adequado para estudo em casa e o suporte familiar necessário para acompanhar as atividades escolares. Essa categoria evidencia como as diferenças socioeconômicas influenciaram a experiência educacional das crianças, revelando que a falta de recursos adequados pode impactar diretamente o aproveitamento das atividades e ampliar disparidades já existentes no contexto escolar. Para essa categoria, foram selecionadas as perguntas: 7 e 12.



Pergunta 7: Como foi a experiência de transformar sua casa em uma sala de aula para seu/sua filho/a?

Como foi a experiência de transformar sua casa em uma sala de aula para seu/sua filho/a?

52 respostas



Dos 52 participantes, 15 (25%) relataram que a experiência do ensino remoto foi tranquila e sem grandes desafios, sendo 7 da escola pública e 8 da rede particular. Outros 23 pais e responsáveis (44,2%) consideraram o processo desafiador, mas conseguiram se adaptar relativamente bem, dos quais 12 eram da escola pública e 11 da particular. Já 14 participantes enfrentaram maiores dificuldades: 4 (7,7%) afirmaram que foi complicado equilibrar as tarefas domésticas com o acompanhamento escolar — 3 da rede pública e 1 da particular —, enquanto 9 (17,3%) consideraram a experiência muito difícil, não conseguindo se organizar adequadamente (8 da pública e apenas 1 da particular). Por fim, 1 participante da rede pública não soube responder.

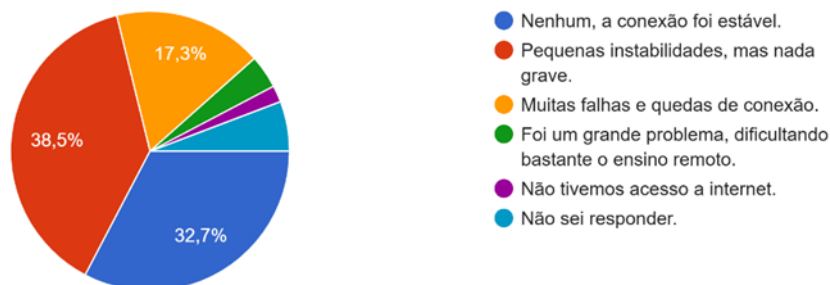
A análise desses dados evidencia um padrão de desigualdade: embora tantas famílias de escolas públicas quanto particulares tenham enfrentado desafios, a maioria dos casos mais críticos se concentrou na rede pública. Isso sugere que as condições materiais, a infraestrutura domiciliar e os recursos de apoio pedagógico foram determinantes para o modo como as famílias vivenciaram o ensino remoto. Assim, o estudo reforça que a pandemia não apenas escancarou, mas também aprofundou as desigualdades sociais e econômicas já existentes, impactando de forma mais severa os estudantes de camadas populares.

Pergunta 12: Quais desafios você enfrentou com a internet durante o ensino remoto no espaço casa?



Quais desafios você enfrentou com a internet durante o ensino remoto no espaço casa?

52 respostas



Dos 52 participantes, 10 famílias da escola pública e 2 da particular relataram muitas falhas e quedas de conexão, enquanto 8 da pública e 10 da particular enfrentaram pequenas instabilidades. 5 alunos da pública e 8 da particular tiveram conexão estável, 4 da pública consideraram a internet um grande problema, e 2 da pública não tiveram acesso à internet.

Os resultados revelam uma clara desigualdade digital: famílias da escola pública enfrentaram problemas mais graves de conectividade, incluindo falta total de acesso e instabilidades frequentes, enquanto a maioria das famílias da escola particular relatou conexão estável ou apenas pequenas instabilidades. Essa disparidade impactou diretamente o acesso à educação remota e aprofundou as desigualdades educacionais durante a pandemia.

As análises das entrevistas confirmam que as disparidades socioeconômicas impactaram o acesso e a qualidade do ensino remoto. As condições desiguais de estudo em casa, durante o isolamento social, ampliaram as lacunas educacionais, privilegiando estudantes com maior estrutura e excluindo aqueles em contextos vulneráveis.

Como já foi relatado anteriormente, o responsável Ipê não possui o ensino básico completo, e mesmo diante disso, ele relatou que “os desafios enfrentados foi fazer as atividades com poucos recursos que eu tinha.”. Essa declaração sintetiza a realidade de muitas famílias durante o período, onde a falta de ferramentas adequadas.

Para Acácia e Jatobá a realidade não foi muito diferente, porém com maiores limitações tecnológicas. Em seus relatos, elas destacam:

"Em casa, nós só tínhamos 1 celular, que a gente usou para fazer as



atividades. Porque a casa não tinha notebook". Acácia

"Só temos celular em casa, a gente não tem computador." Jatobá

Essa situação ilustra como a escassez de dispositivos digitais tornou-se uma barreira crítica para o acesso educacional. Além disso, a dependência de um único dispositivo móvel para conciliar necessidades educacionais, laborais e domésticas não apenas limitou severamente o tempo dedicado ao aprendizado, mas também aprofundou o abismo das desigualdades sociais.

Similarmente, Acácia também destacou a exclusão vivida pelas comunidades rurais ao afirmar: *"Quem mora na zona rural não teve como acessar internet, não teve acesso de vir ao distrito"*. Esta fala sintetiza a dupla marginalização enfrentada por essas populações: a já conhecida carência de infraestrutura somou-se à impossibilidade de deslocamento até polos de apoio educacional, para retirar as atividades, durante o período remoto. Em contra partida, enquanto estudantes com recursos adequados acessavam plataformas educacionais de forma contínua, crianças em contextos vulneráveis enfrentaram a exclusão digital como mais uma barreira.

A pandemia escancarou a desigualdade social: de pessoas revirando restos de alimentos a famílias sem acesso à educação remota. Mas a crise educacional não é acidental, é, como disse Darcy Ribeiro, "um projeto". Um projeto de desvalorização histórica da escola pública, de subfinanciamento e exclusão digital planejada. O ensino remoto apenas revelou a face mais perversa de um sistema que nega direitos e aprofunda injustiças. Enquanto a educação for tratada como custo e não como direito, o abismo entre privilegiados e excluídos continuará a ser uma marca brutal do Brasil.

Na cidade de Teixeira de Freitas, existe uma organização não governamental, chamada ONG PASPAS. Essa ONG oferece oficinas de dança, música, teatro e, além disso, oferece reforço escolar para crianças de baixa renda. Acácia pontua que:

"A ONG faz esse auxílio de leitura escrita, só que eles não têm nenhum apoio. Eu acho que a prefeitura poderia investir neles, porque eles fazem um trabalho maravilhoso."

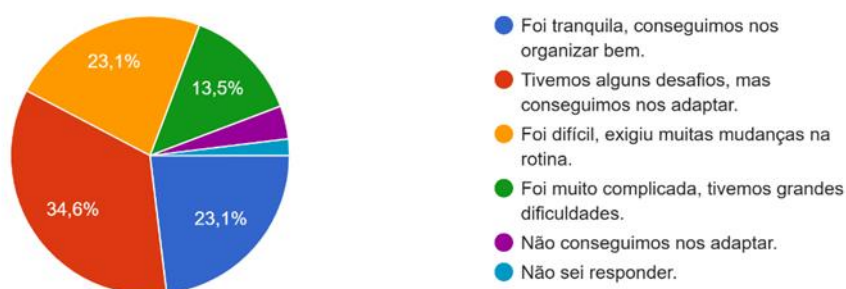
Suas palavras não são um mero elogio, mas uma denúncia sobre a desconexão entre as políticas públicas e as iniciativas comunitárias que de fato funcionam. Enquanto a prefeitura não prioriza o apoio a essas organizações, projetos transformadores permanecem subfinanciados e incapazes de escalar seu impacto.



Categoria 3 - saúde emocional, refere-se ao bem-estar psicológico, às emoções e ao estado afetivo das crianças durante o período de ensino remoto emergencial. Abrange aspectos como o nível de estresse, a motivação para estudar, a ansiedade gerada pelo isolamento, a saudade da rotina escolar e dos colegas, e a capacidade de adaptação a uma nova realidade. Essa categoria evidencia como o confinamento e a ruptura abrupta do convívio social impactaram a estabilidade emocional dos estudantes, revelando que desafios como a solidão, o tédio e a sobrecarga de atividades podem desencadear ou agravar sentimentos de tristeza e desânimo, afetando diretamente o engajamento e o desenvolvimento escolar.

Pergunta 8: Como foi a adaptação da sua família ao ensino remoto?

Como foi a adaptação da sua família ao ensino remoto?
52 respostas



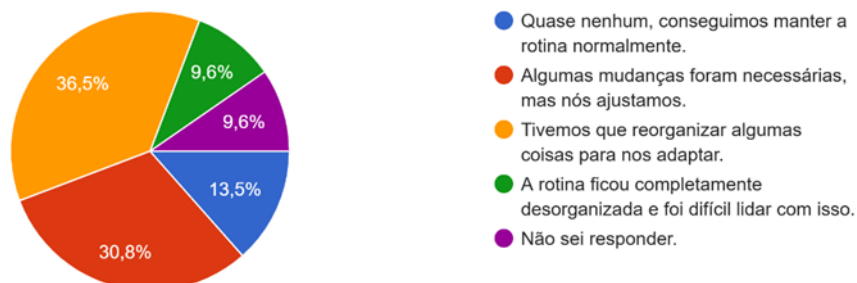
Dos 52 participantes, 10 famílias (9 da escola pública e 1 da particular) relataram que a adaptação foi muito complicada, com grandes dificuldades. 10 responsáveis (7 da pública e 3 da particular) afirmaram que o processo foi difícil e exigiu muitas mudanças na rotina. A maior parte dos participantes, 21 famílias (10 da pública e 11 da particular), disse ter tido alguns desafios, mas conseguiu se adaptar. 10 entrevistados (5 de cada rede) consideraram a adaptação tranquila, enquanto 1 família da escola pública não conseguiu se adaptar. Os dados revelam que a adaptação ao ensino remoto foi significativamente mais desafiadora para as famílias da escola pública, onde 53,1% relataram dificuldades significativas (classificadas como "muito complicada" ou "difícil"), contra apenas 20% na rede particular. Esta disparidade evidencia como as condições socioeconômicas e o acesso a recursos de apoio influenciaram diretamente na capacidade de adaptação das famílias durante o período de ensino remoto.

Pergunta 9: Qual foi o impacto do ensino remoto na rotina da sua família?



Qual foi o impacto do ensino remoto na rotina da sua família?

52 respostas



Dos 52 participantes, 7 famílias (6 da escola pública e 1 da particular) relataram que a rotina ficou completamente desorganizada. 23 responsáveis (13 da pública e 10 da particular) afirmaram que tiveram que reorganizar várias coisas em sua rotina. 13 participantes (6 da pública e 7 da particular) disseram que algumas mudanças foram necessárias, mas conseguiram se ajustar. Apenas 6 famílias (4 da pública e 2 da particular) relataram quase nenhum impacto, conseguindo manter a rotina normalmente. Além disso, 3 pessoas da escola pública não souberam responder. Esses números mostram que o ensino remoto não foi apenas uma mudança educacional, mas um evento disruptivo que forçou a reestruturação do dia a dia das famílias, com impacto significativamente maior na rede pública – onde 59,4% das famílias relataram reorganização profunda ou desorganização completa da rotina, contra 35% na rede particular. A necessidade de reorganizar horários, espaços e dinâmicas para acompanhar as atividades escolares tornou-se uma fonte considerável de pressão, contribuindo diretamente para o desgaste emocional dos responsáveis e das crianças.

As falas dos entrevistados revelam um cenário marcado por imprevistos, inseguranças, limitações estruturais e sentimento de impotência frente às demandas pedagógicas que se deslocaram abruptamente para o espaço da casa. A pandemia e a abrupta transição para o ensino remoto impuseram uma carga emocional significativa sobre crianças e adultos. O medo do vírus, o luto por perdas, o isolamento social e a sobrecarga de funções contribuíram para o aumento de casos de estresse e ansiedade nas famílias. Muitos responsáveis relataram dificuldades em conciliar trabalho, tarefas domésticas e o apoio escolar dos filhos, enquanto as crianças, privadas do convívio escolar e da rotina presencial, manifestaram sinais de irritabilidade, apatia e dificuldade



de concentração. A falta de suporte emocional estruturado, somada à instabilidade do contexto, evidenciou a urgência de políticas que integrem cuidado psicológico e acolhimento às comunidades escolares em situações de crise.

Diante desse pressuposto, muitos responsáveis relataram que tiveram dificuldades e sobrecarga emocional, durante esse período. Para Ipê *“Fazer minha casa em sala de aula gerou muito estresse.”* Pois, segundo o mesmo *“eu ainda tinha outras atividades, outros afazeres.”* Essas frases sintetizam a dupla jornada enfrentada por famílias que, além de suas responsabilidades cotidianas, precisaram assumir funções pedagógicas para as quais não estavam preparadas.

Além disso, a declaração *“Foi desgastante porque minha mãe já é idosa, eu tinha receio de trazer o vírus pra minha mãe”* revela uma dimensão profunda do sofrimento emocional vivenciado durante a pandemia: o medo constante de ser vetor de contaminação para entes vulneráveis. Esse receio não apenas ampliava a carga mental associada aos cuidados com a higiene e deslocamentos, mas também transformava simples atividades externas, como buscar materiais escolares ou ir ao trabalho, em fontes de angústia e culpa potencial. Angústias essas que permeiam até os dias atuais.

Segundo Acácia, sua filha é ansiosa até os dias atuais. A fala *“Ela ansiosa até hoje”* mostra como as marcas emocionais da pandemia transcendem o período de isolamento e se instalam de forma duradoura no cotidiano das crianças. A ansiedade manifestada pela filha evidencia que os longos meses de incerteza, mudança de rotina e medo do vírus deixaram sequelas profundas, que persistem mesmo após o retorno à normalidade. Esse caso explicita que o impacto psicológico não foi temporário; para muitas famílias, tornou-se uma condição a ser administrada no presente, exigindo acompanhamento e suporte contínuos, que muitas vezes não são disponibilizados pela escola ou pelo sistema de saúde. A fala de Acácia funciona como um alerta: a saúde mental infantojuvenil precisa ser entendida como prioridade não apenas durante, mas também após crises sanitárias, para que angústias como essas não se tornem feridas permanentes.

Sobrecarga e estresse, porque os pais estão acostumados a ter os filhos na escola, né, então foi totalmente diferente tentar ensinar em casa e, por exemplo, a minha mãe, ela não terminou o ensino médio, então tinha coisa que ela não sabia. Então ela ficava estressada e deixava de lado. Responsável Acácia

A fala da responsável Acácia revela camadas profundas da sobrecarga vivida pelas famílias durante o ensino remoto. Ao destacar que os pais “estão acostumados a ter os



filhos na escola”, ela explicita uma ruptura brutal na divisão social do papel educacional, a escola como instituição de ensino foi subitamente transferida para dentro de casa, sem preparo ou estrutura.

O relato sobre sua mãe, “ela não terminou o ensino médio, então tinha coisa que ela não sabia”, escancara ainda outra dimensão crítica: a desigualdade educacional entre gerações, que se tornou barreira concreta no acompanhamento pedagógico. Isso gerou um ciclo de frustração e estresse: a criança precisava de ajuda, a avó não conseguia oferecer, e a situação era abandonada “deixava de lado”, aumentando a sensação de impotência e culpa. Assim, o depoimento de Acácia não apenas reforça a sobrecarga emocional, mas também ilumina como fatores como a escolaridade dos responsáveis e a falta de suporte adequado criaram ambientes de aprendizagem marcados pela ansiedade e interrupção, realidades que exigem, hoje, políticas que considerem não só a tecnologia, mas o contexto humano por trás de cada tela.

Contudo, é fundamental reconhecer que as experiências não foram homogêneas. Apesar da pandemia ter sido avassaladora para a saúde, Ipê em seu relato disse:

Não tive problemas emocionais como ansiedade, a saúde do meu filho estava cem por cento. Pra mim não teve impacto nenhum não. Entendeu? nós ficamos até mais companheiros um do outro, né? Por conta dessa relação, ficamos muito mais próximos nessas épocas. Responsável Ipê

É significativo e esperançoso o relato de Ipê, que demonstra como, em meio ao cenário desafiador da pandemia, algumas famílias conseguiram encontrar resiliência e até fortalecer seus laços. Sua declaração — “não teve impacto nenhum não... nós ficamos até mais companheiros” — revela uma experiência positiva marcada pela proteção da saúde física e emocional, e pela transformação do isolamento em oportunidade de convívio e aproximação.

Conclusões

A análise integrada dos dados quantitativos do questionário e das narrativas qualitativas das entrevistas revela um cenário multifacetado e profundamente desigual vivenciado pelas famílias durante o período do ensino remoto emergencial. A experiência da pandemia na educação pode ser compreendida através de três eixos interligados que se mostraram determinantes na qualidade da vivência educacional: a dimensão pedagógica, a desigualdade social e a saúde emocional.



No campo pedagógico, identificou-se uma ruptura abrupta no processo educativo tradicional, com a transferência não mediada da responsabilidade de ensino para as famílias. Os dados evidenciaram que a maioria dos responsáveis, especialmente na rede pública, não recebeu o suporte necessário das escolas para exercer essa função. A falta de explicações adequadas, a inadequação das plataformas digitais às realidades familiares e a carência de orientação pedagógica consistente criaram um ambiente de improvisação e sobrecarga. Enquanto algumas famílias, como a de Ipê, conseguiram estabelecer rotinas e buscar recursos alternativos, a maioria enfrentou dificuldades significativas, sendo as famílias da escola pública as mais afetadas pela falta de suporte tecnológico e pedagógico adequado.

A desigualdade social emergiu como fator determinante no acesso à educação remota de qualidade. A análise demonstrou claramente como a falta de recursos materiais - como dispositivos tecnológicos, conectividade estável e espaços físicos adequados - aprofundou as disparidades educacionais já existentes. Enquanto famílias com maior capital econômico e cultural conseguiram criar ambientes favoráveis ao aprendizado, aquelas em contextos vulneráveis, especialmente em zonas rurais e periféricas, enfrentaram barreiras intransponíveis que as excluíram efetivamente do processo educativo. A fala de Acácia sobre a realidade da zona rural e os relatos sobre a escassez de dispositivos eletrônicos nas famílias revelam a face mais cruel da desigualdade educacional brasileira.

Na dimensão da saúde emocional, os dados revelam o profundo impacto psicológico causado pela sobrecarga de funções, pelo medo da contaminação e pelo isolamento social. As mães, que representaram 88,5% dos responsáveis pelo acompanhamento escolar, acumularam funções de cuidadoras, professoras e trabalhadoras, gerando um cenário de esgotamento físico e mental. As crianças, por sua vez, manifestaram sequelas psicológicas como ansiedade e estresse, que em muitos casos persistem até o presente, como demonstra o relato de Acácia sobre sua filha. Contudo, é importante destacar que a crise também foi palco de experiências positivas de resiliência e fortalecimento de vínculos familiares, como demonstra a narrativa de Ipê.

O legado do ensino remoto emergencial vai além de uma simples interrupção temporária das atividades presenciais. Ele funcionou como um espelho que refletiu com crueldade as profundas desigualdades que estruturam a educação brasileira. As experiências documentadas nesta pesquisa demonstram que a simples transposição do modelo



presencial para o ambiente digital, sem considerar as realidades diversas das famílias brasileiras, resultou na exclusão de milhares de estudantes e no aumento da sobrecarga das mulheres e dos grupos mais vulneráveis.

Os resultados apontam para a urgência de se construir um projeto educacional verdadeiramente inclusivo, que una tecnologia, suporte humano e políticas públicas consistentes. É fundamental que as escolas desenvolvam planos de contingência que considerem a diversidade de realidades familiares, que as políticas públicas priorizem a redução da desigualdade digital e que se implementem programas de apoio psicossocial para estudantes e famílias. Como demonstraram os relatos, a educação em situações de crise não pode ser responsabilidade exclusiva das famílias - é necessária uma ação coordenada entre governos, escolas e comunidades para garantir que, em futuras emergências, nenhuma criança ou família precise carregar sozinha o peso de educar em meio ao caos.

Referências bibliográfica

BRASIL. Câmara dos Deputados. Emenda Modificativa nº 28 à Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Apresentador: Deputado José Guimarães (PT/CE). Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8084344&disposition=inline>. Acesso em: 3 jan. 2025.

BRASIL. Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 abr. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv934.htm. Acesso em: 20 ago. 2024.

CARREIRA, Fernanda Cassab; BARRETTO, Ricardo; SANTIAGO, Isabella Cruvinel; BRUNSTEIN, Janette. Ensino remoto em tempos de pandemia:



[illegible]

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CP nº 5, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 1º jun. 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 ago. 2024.

FREITAS, Lessandro de. Educação pós-pandemia: os impactos da Covid-19 sobre o processo de ensino-aprendizagem. *Revista Epistemologia e Práxis Educativa - EPEduc*, Piauí, v. 06, n. 02, 2023. DOI: 10.26694/epeduc. Disponível em: <https://revistas.uepi.br/index.php/epeduc/article/view/567>. Acesso em: 10 jan. 2025.

NICACIO, Marcondes de Lima; NICACIO, Rair de Lima. Impactos da pandemia na educação pública do Brasil. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 9, n. 27, p. 82-97, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7896>. Acesso em: 15 jan. 2025.

RIBEIRO, Camila de Souza; DARCOLETO, Carina Alves da Silva. Desigualdade social na educação pública no período da pandemia da covid-19: análise de produções da área da Educação. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 19, p. 1-24, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.19.22762.105>. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 5 fev. 2025.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise De Discurso: princípios e procedimentos. 7ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

SANTOS, André; ROCHA, Bruna; COSTA, Jessica. Afastados da Escola pela porta da Casa. *Jornal Arquitetura*, Porto, 2020. Disponível em: <https://arquitetura.pt/jornal/artigo/afastados-da-escola-pela-porta-da-casa>. Acesso em:



12 jan. 2025.

